

REVEBERAR: CIDADES INVISÍVEIS

Fernanda Cristina de Paula¹

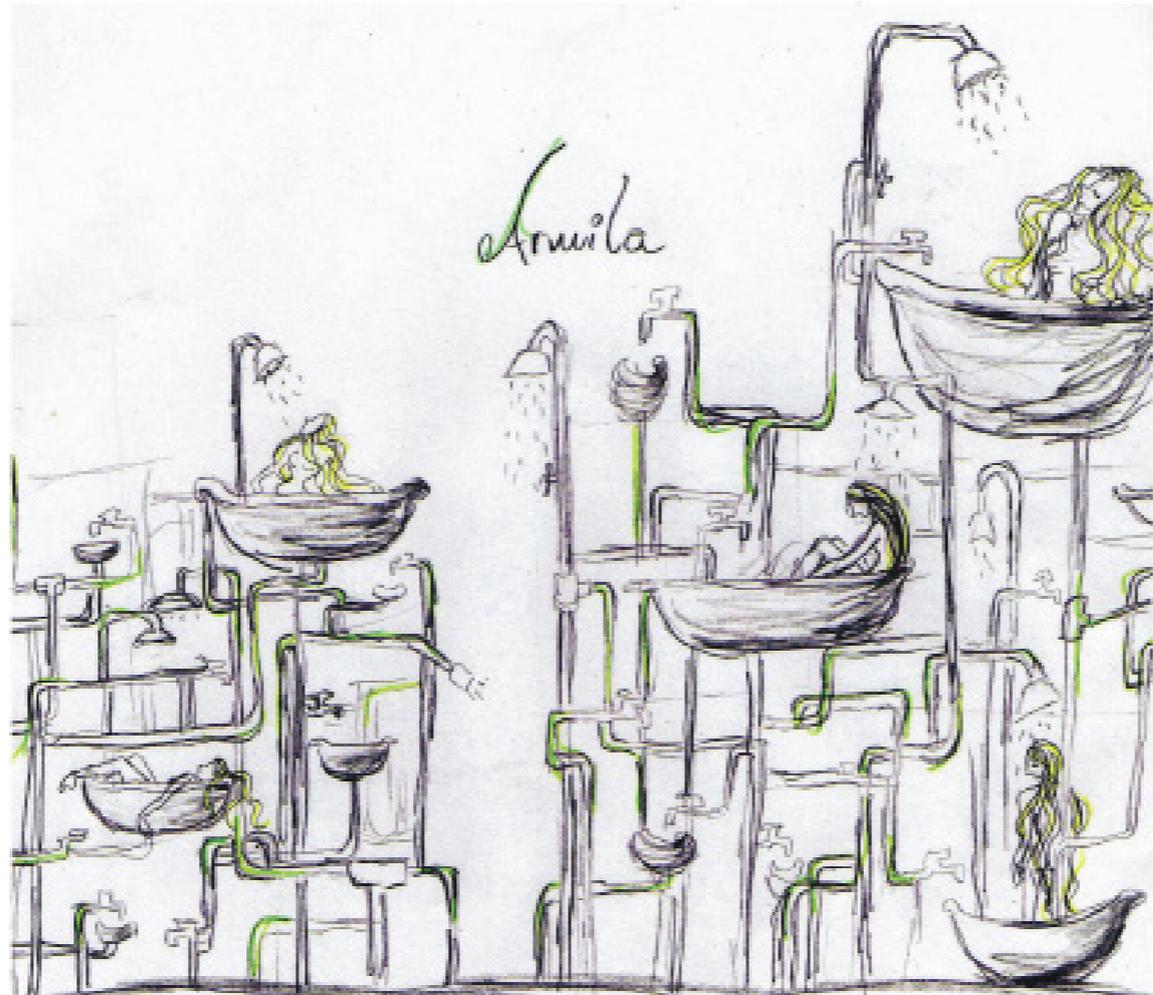
APRESENTAÇÃO

Toda Poética traz em si a re-apresentação de algo Verdadeiro do mundo. No livro “Cidades Invisíveis”, Ítalo Calvino apresenta poeticamente a urbe. As descrições das cidades estão divididas em temas. E, de determinada perspectiva, o tema Cidades Delgadas percorre relações entre morfologia de cidades e seus moradores. Releitura: tentar desenhar o que se lê é esforço de devolver, graficamente, sentimentos suscitados pela poética das palavras. Escrever micro-contos com base nessa releitura é, a partir do mesmo núcleo, traçar mais caminhos de reflexão: reverberar a poética.

Reverberar uma poética do espaço: um ensaio (desenho e micro-conto) para cada Cidade Delgada.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professora da Rede Municipal de Ensino de Jaguariúna. depaula.fernandac@yahoo.com.br.

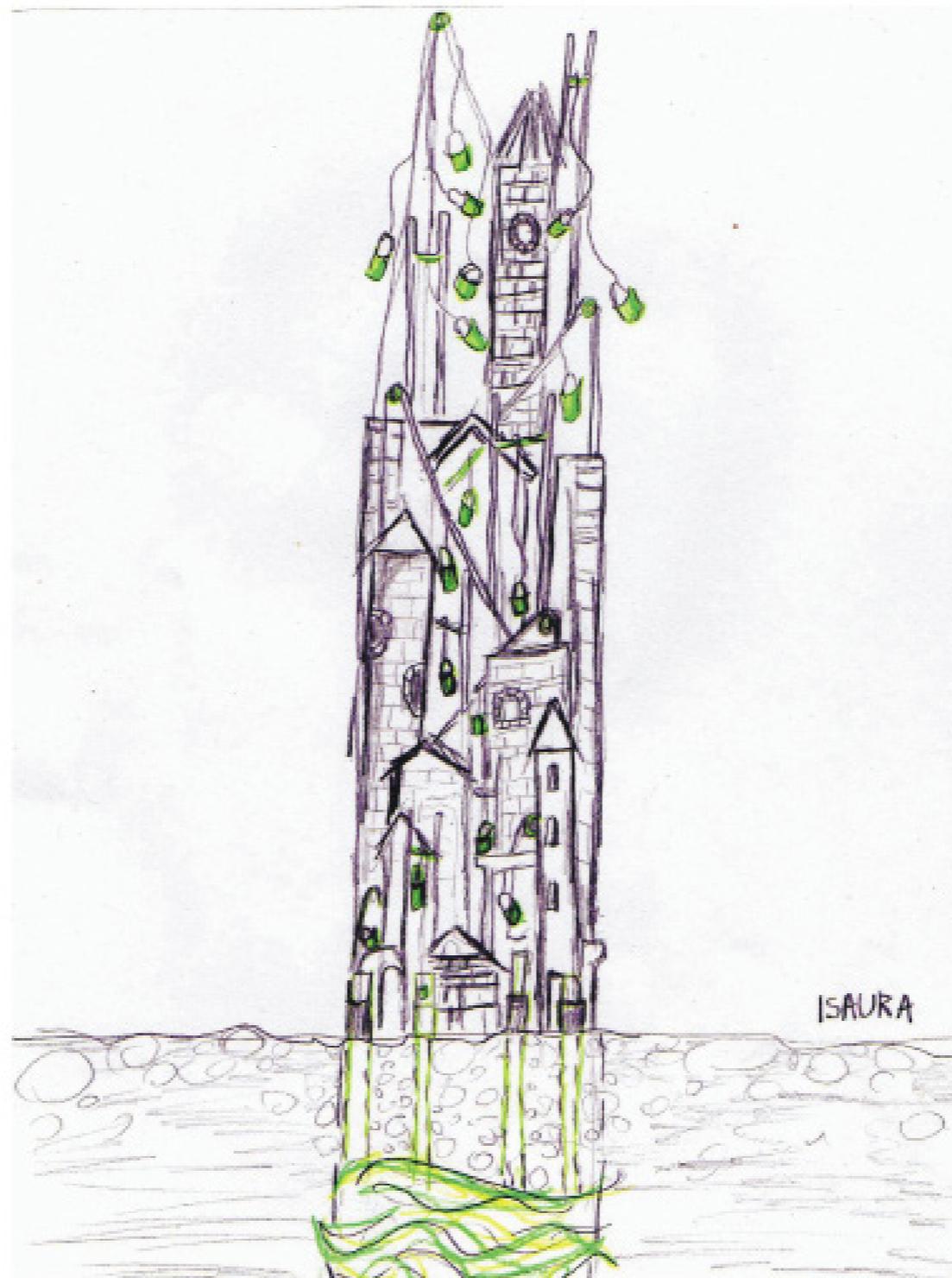
✉ R. João Pires Germano, 744. Mauá II. 13820-000. Jaguariúna, SP.



Fernanda Cristina

ARMILA

O Imperador. Aí, ele me disse: *uma cidade feita de tubulações. Só de tubulações, só de chuveiros, banheiras, água que escorre, que se encorpa, sobe, escoar, água, banheiras, canos, canos, canos. Óbvio: uma cidade assim só às ninfas cabe morar. Todo o escoar, todo o encorpar, todo o subir, todos os escorreres por canos, tubulações, banheiras servem às ninfas: as peles delas, sem água, é morte. Elas precisam (assim) estar, para ser. Repito: uma cidade (um modo de estar) feita para elas (ser).* E eu mantive os olhos neutros e a boca fechada numa linha fina de exasperação. E ele continuou: *e tua cidade? E essas fiações tensionadas entre os postes e cortando os céus? E esses coqueiros, ordenados, enfileirados, solitários? E esses cimentos? E esse tanto, tanto, tanto de asfalto? Cimentos? E essa acimentação de todo, de um tudo? Vocês, sem asfalto, é morte? Na tua cidade: que estar para ser?* Mantive a boca fechada numa linha fina de exasperação, mas meus olhos se crisparam dúvidas. Dúvida é sempre medo.



Fernanda Cristina

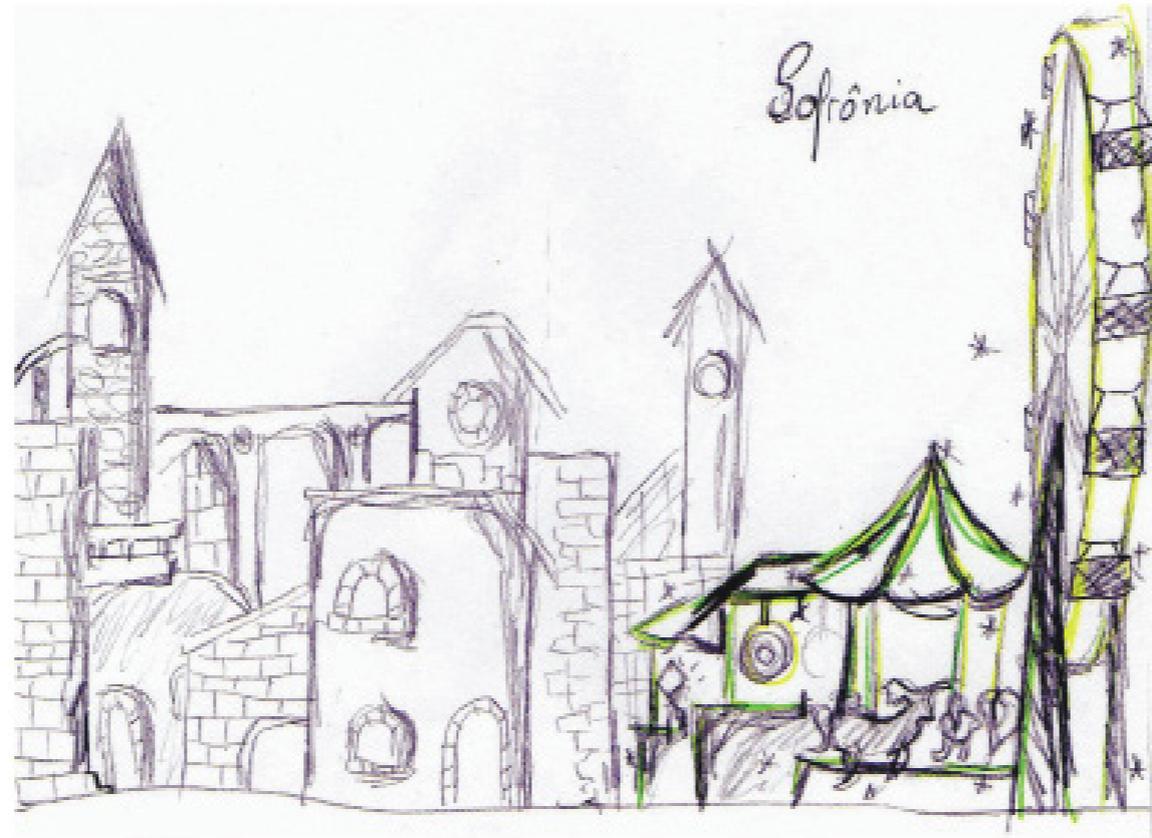
ISAURA

Ficamos a observar Isaura. Os dois, hirtos e solitários, no meio do deserto noturno. Ver Isaura. Se embasbacar Isaura. *E têm duas religiões, como podem?* Murmurei, pela trigésima segunda vez. Pela quadragésima terceira vez, ele sentenciou baixinho (embora estivéssemos lado a lado, falávamos, na verdade, com nós mesmos): *Alguns pensam que Deus está nas profundezas dos poços que, misteriosamente, lhes fornecem água. A outra religião crê que Deus está nos fios, cordas, roldanas, alças, baldes que levam as águas para cima, até todos. Duas religiões.* Nós dois nos assustamos e tropeçamos alguns passos pra trás em um ensaio de fuga. Ambos estávamos longe da cidade, mas ridiculamente medrosos. A guerra entre as duas religiões de Isaura não nos alcançaria. Mais e mais bolas pesadas de fogo subiam pelo ar. Cidadãos contra cidadãos. Isaura contra Isaura. Aquietamos e continuamos observando Isaura (nós, dois corpos eretos perdidos no meio da noite-deserto). Nossos olhos brilhando e se agigantando a cada bola assassina de fogo assoviando pelo ar, destroçando pedras, baldes, casas, cidadãos. Cheiro de carne queimada no deserto. *De qualquer forma, ele continuou falando pra mim-si mesmo, ambas as religiões são fundadas pela relação deles com o espaço. Uma é a religião agarrada ao sinistro que é o mistério das águas sob o chão. A outra é agarrada à estupefação feliz, à alegria subserviente da água sair do chão e chegar aos seus céus.* Concordei com ele fazendo sinal afirmativo com a cabeça, ele não viu (mas não fazia diferença). Ele continuou: *Embora díspares, ambas as religiões estão baseadas na relação deles com espaço. É necessário alguém que (bolas furiosamente pesadas de fogo, subindo para o céu e destroçando a cidade em uma queda de esmigalhamento de torres). É necessário alguém que os faça entender que ambas as religiões têm o mesmo fundamento. Alguém que clarifique o mecanismo das águas subterrâneas, aliviando o sinistro do mistério do lençol freático (afrouxando a ortodoxia da religião). Alguém que desmistifique as dinâmicas socioespaciais das distribuições dos baldes e das consequências dessa distribuição na vida dos cidadãos (desmistificando o funcionamento da sociedade).* A primeira vez que realmente falamos um com o outro foi quando lhe respondi, ponderando: *E, então, um Geógrafo seria o Sacerdote Possível? A chave para o fim da guerra? Ele explicaria, para ambas as religiões, seu fundamento no espaço.* E ele deu um passo pra trás, tropeçando, balbuciando (outras três bolas de fogo cortando o céu: cidade contra cidade): *Não... Não... Um Geógrafo. As pessoas adulariam-no. Um Geógrafo, em Isaura, se tornaria Deus.*



ZENÓBIA

Estávamos os dois, as roupas sujas e fedorentas por causa dos longos dias de viagem, embaixo de Zenóbia, entre as palafitas de dezenas de metros de altura. Ele estava sentado sobre o chão plano e seco, as costas apoiadas em uma das palafitas, retirando comida do bornel. Eu estava em pé, com a cabeça voltada para cima, no rosto uma careta desesperada de incompreensão. Não sei se fazia dois ou treze dias que estávamos assim: ele sentado, encostado na palafita e eu em pé, olhando para cima. Nada, de um nada, coisa alguma me fazia compreender porque a cidade estava sobre palafitas se o terreno sob ela era seco. Nada permitia a compreensão. Eu observava as casas, equilibradas sobre as palafitas, as pessoas equilibrando-se em pontezinhas estreitas, o castelo esplendoroso da prefeitura apoiado sobre quatro varas de madeira. *Por que equilibrada sobre palafitas se a cidade está sobre terreno seco? Por quê? Por que assim? Hein? Por que assim? Hein? Hein? Hein?* Cuspia minha indignação, minha incompreensão pro céu (Zenóbia em céu, sem ter porquê). Não sei se no segundo ou no décimo sexto dia em que estávamos ali e... Por todos os dias, eu como estátua, queixo rígido, olhos loucos perguntadores percorrendo-furiosos-dardeando Zenóbia. Não sei, talvez no terceiro ou no décimo sexto dia em que estávamos ali, ele me respondeu: *Os pais de todos os pais dos pais dos pais já conheceram Zenóbia assim: sobre palafitas, mas com terreno seco sob a cidade.* Eu como estátua suja, empoeirada de viagem, estátua má, incompreensiva. Ele continuava: *Dos pais e pais dos papais, todos a conheceram já assim. E quando imaginam Zenóbia ou qualquer cidade, imaginam com palafitas, sobre terreno seco. Zenóbia é assim: o mundo é assim. Mesmo quando se pede para imaginar uma cidade feliz, imaginam-a sobre palafitas.* Trinta e sete dias depois (estátua má), dei-me conta do que ele falava e retruquei: *Pois então nascem e tomam por mundo, tomam por verdadeiro, tomam por certo a cidade equilibrada em palafitas, sobre terreno seco. Para eles, isso é mundo. Pois então nascem e a cidade, o formato da cidade anula seus desejos por outra cidade, por outro formato de cidade.* Diferente de mim, ele não demorou treze dias para responder: *Zenóbia não anula o desejo dos homens; são os homens que não se perguntam profundamente sobre seu ser e, assim, não anulam as palafitas.* Ele riu com escárnio e continuou: *Assim como você, que sempre que imagina uma cidade feliz, ainda a povoa de prédios e ruas largas. Você nunca, em sua obtusão, conseguiu imaginar uma cidade feliz sem ruas largas. "E por onde andar os carros?" você perguntaria. Em sua obtusão, nunca lhe ocorreu uma cidade sem carros e, conseqüentemente, sem desmesuradamente largas belas ruas? Sua civilização não conseguiria existir sem seus hipermodernos carros? Só imaginaria uma cidade sem eles se os odiasse, não? Os moradores de Zenóbia odeiam à força-da-existência suas palafitas? Sempre: para criar uma outra cidade é necessário um outro projeto de existência.*



Sofônia

Fernanda Cristina

SOFRÔNIA

Enquanto seguíamos viagem (roupas de linho, corpos frescos e sonolentos, embalados pelo balançar da liteira) em direção à Sofrônia, ele recontou. *Então, Sofrônia está dividida em duas partes: uma feita de ministérios, hospitais, fábricas, paços dos poderes públicos, mercados, refinarias, escolas. A outra parte é feita de montanhas-russas, correntes, carrosséis, rodas-gigantes, banca de algodão-doce. Uma parte da cidade é fixa, a outra é itinerante. Sorri e bocejei: sonolenta e satisfeita com o farto almoço. Dei de ombros e quase dormia. Ele, com voz também sonolenta, continuou: todo ano os pedreiros chegam e começam a desmontar a cidade itinerante: retiram os pregos que unem as madeiras, destacam os pilares, desmontam os pisos de mármore dos paços, as paredes dos ministérios e levam a parte itinerante embora. Levantei-me da almofada e sentei, costas eretas, corpo trêmulo em assustado: mas então, um desespero, um horror, uma incredulidade na voz, chegaremos a uma cidade de mortos? Leva-me numa cidade de mortos?! Todos sujeitos a viver em uma cidade feita apenas para diversão? O grito suspenso no trenzinho, a boca escancarada na montanha-russa, todos à espera da parte funcional da cidade, sem entender que sem o lado funcional a única coisa que podem esperar é a morte?* Quando chegamos ao alto do morro que dava vista à Sofrônia, vi o intricado de pedaços metálicos lindamente coloridos de um parque de diversão, mas dispostos de tal forma que pensei estarem apenas entulhados, talvez túmulos. Só quando ele riu e continuou a me explicar é que compreendi aquelas formas: *não há ninguém, morto, minha querida. Apesar dos grandes templos da funcionalidade terem ido embora, o urbano persiste. Vê? No labirinto do parque de diversão, cada esquina pode guardar o fortuito: o encontro inesperado com alguém, a visão inesperada de um acidente, o inesperado amor à quadragésima oitava vista, o fechamento inesperado do carrossel preferido. A gentileza urbana (que só existe em contraponto ao descompromisso urbano) às vezes surge (como em toda cidade): em meio à multidão, alguém cede a vez na fila da roda-gigante para o velhinho, veja o agradecimento malandro e claro-de-sinceridade do mendigo fortuito que pediu cigarro à moça, olhe, olhe!, os escusos e raros bons-dias aos estranhos. Vê? Quando o costume de observar (enquanto se conversa calmamente sobre qualquer coisa) as pessoas gritando na montanha-russa se tornou concreção espaço-temporal, desmontaram o carrossel quebrado e com os pedaços dele fizeram uma praça frente à montanha-russa. As cidades não são só feitas de templos da funcionalidade, minha medrosa querida, mas são feitas também por pequenos atos. Na espera de seus templos, o aglomerado urbano que é Sofrônia mais do que sobrevive. Ele se perpetua.*



Fernanda Cristina

OTÁVIA

Odeio-o. Uma raiva quente, que asfixia. Odeio-o. À beira do abismo, ele me obrigava a olhar Otávia: construída no abismo, casas, torres, ruas, tudo sustentado por corda finas, tudo pendurado. Toda a cidade suspensa sobre o abismo, tudo suspenso, sustentado, sustentado, sustentado por cordas! Depois de alguns minutos eu não queria mais olhar Otávia, mas ele me obrigava. Violentamente me obrigava. Ficou atrás de mim, torcia meu braço esquerdo em minhas costas, imobilizando meu corpo; e com a outra mão segurava meu queixo, à força de desprender minha mandíbula, me obrigando a olhar. Violentamente. Eu cuspi, gritava, tentava morder sua mão, esperneava. Não sei se chorava. Não queria, depois de alguns minutos, não queria mais olhar Otávia. Suspenso sobre o abismo. Por mais que se acostumem, tropeçar quando se anda é do homem; e cada tropeço, em Otávia, é morte. Cada tropeço é desequilíbrio e morte. Caem, despencam os moradores, não gritam. Morrem. Eu disse: morrem. Dentro da cidade, entre o apinhado de multidão, um tropeço é só um acontecimento dentro tantos dos ferveores-correrias das ruas apinhadas. Mas, do alto do penhasco, eu podia ver todos os tropeços. A cada minuto um tropeço, anônimo, em um canto diferente da cidade. O anônimo, quando visto em conjunto, é turba. Uma turba de mortos. Cada tropeço uma morte. Eu não queria mais olhar, mas violentamente. Ele me disse: eles não choram, eles não dramatizam, não gritam como você. O corriqueiro da cidade são as cordas; o corriqueiro das cordas, a morte. São o espaço que estão. Você não precisa aceitar, sua estúpida. Só precisa compreendê-los. Não quero que aceite, quero que os compreenda. Eles não choram os tropeços, não desesperam. Olhe! Eles são o mesmo tanto que a cidade deles é. Me segurava pelo queixo, me quebraria o rosto. Me subia à garganta: um horror (líquido e espesso, grasnando entranhas acima) das mortes. Exceto as pessoas, tudo suspenso por cordas. Violentamente. Ele me disse: *eles não choram, eles não dramatizam, não gritam como você. O corriqueiro da cidade são as cordas; o corriqueiro das cordas, a morte. São o espaço que estão. Você não precisa aceitar, sua estúpida. Só precisa compreendê-los. Não quero que aceite, quero que os compreenda. Eles não choram os tropeços, não desesperam. Olhe! Eles são o mesmo tanto que a cidade deles é. Me segurava pelo queixo, me quebraria o rosto. Me subia à garganta: um horror (líquido e espesso, grasnando entranhas acima) das mortes. Exceto as pessoas, tudo suspenso por cordas. Violentamente.* ○